

EDITORIAL

Prezados leitores,

É com grata satisfação que apresento esta edição da revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental que se inicia com a entrevista com Harlene Anderson acerca das práticas colaborativas e dialógicas enquanto recursos para a promoção da saúde mental. A entrevista foi realizada e traduzida por Graziella Jones Caccavale Mofarrej, Valéria Nicolau Paschoal e Giovanna Beatriz Kalva Medina. Harlene é reconhecida internacionalmente por estar na vanguarda das práticas colaborativas pós-modernas como pensadora, consultora, treinadora e educadora. Harlene descreve na entrevista sua prática como sendo uma parceria entre terapeuta e cliente, em que aquele depende da expertise deste, pois é a própria pessoa a maior especialista sobre sua vida. A entrevistada enfatiza a importância do diálogo, respeito e acolhimento nesse processo. Interessantes temáticas perpassam a entrevista, como a concepção de estresse na atualidade, transtornos mentais graves, ações colaborativas nas escolas, diálogos entre o poder público e a sociedade civil.

A edição segue com o artigo de Maria do Desterro de Figueiredo e Armando de Oliveira e Silva – “Expressões alimentares em mulheres com obesidade: facetas simbólicas do complexo do comer”, no qual é realizada uma leitura psicológica das diferentes representações e sentidos que mulheres, na condição de obesidade, retratam sobre o comer em suas vidas. A pesquisa foi realizada com mulheres que participaram de um programa de tratamento para obesidade. A partir da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung os autores discorrem sobre uma visão simbólica do ato de comer, através de três categorias temáticas do Complexo do Comer Emocional: Afetos Perturbadores, Consciência Corporal e Excessos e Recaídas. Os afetos perturbadores e a relação emocional atribuída ao alimento são expressos na busca do alimento por necessidades de amparo e conforto emocional, por vezes atreladas a sensações prazerosas, em outras negativas, como ao medo, a culpa e a vergonha. Em relação à consciência corporal, o estudo observou que muitos dos relatos das participantes giravam em torno da preocupação em voltarem ou manterem sua saúde física e psíquica. Porém, a consciência corporal aparecia na maioria das vezes de forma não integrada na vida das participantes. Os excessos e recaídas eram apresentados por conteúdos invasores, perturbadores e inconsciente que agem de forma desproporcional, compulsiva, com sentidos paradoxais e sem o controle da vontade egóica, na vida das participantes da pesquisa. Os autores afirmam a importância da compreensão da dimensão simbólica no tratamento multidisciplinar desse fenômeno multifatorial.

Na sequência, temos “A liberdade da vontade diante dos fatores sociológicos: uma aproximação entre as teorias de Viktor Frankl e Zygmunt Bauman” por Maria Cristina Neiva de Carvalho, Maria Helena Budal da Silva e Raissa Daniella Correa Gomes. O artigo propõe uma revisão bibliográfica sobre o tema da liberdade noética em relação a estrutura social da contemporaneidade, a partir de Viktor Frankl e Zygmunt Bauman. O objetivo da proposta é desenvolver uma relação entre a perspectiva da liberdade na Modernidade Líquida e o fundamento logoterápico da liberdade da vontade. As autoras apontam que as manifestações do vazio existencial: suicídio, violência e dependência química podem estar associados a uma certa configuração sociológica da contemporaneidade. Frankl alerta que quanto mais o homem almeja o prazer, mais se distancia do conquistar, decaindo em uma sensação de vazio. Esse efeito, na visão das autoras, é interessante ao capitalismo de consumo, que incentiva seus consumidores a preencherem tal sensação a partir da aquisição bens materiais. O homem assume uma posição passiva, conformando-se com o que lhe é imposto, deixando de desempenhar suas escolhas, ausentando-se da concretização do sentido, não exercendo seus os recursos noéticos – o autodistanciamento e a autotranscendência. As autoras afirmam que ao utilizar dos impulsos humanos para obter lucro, o mercado capitalista frustra a relação do homem com a sua vontade de sentido.

Temos nessa edição dois artigos cujo enfoque está no contexto hospitalar. O primeiro deles é “Emoções e sentimentos desenvolvidos nos procedimentos e intervenções em cardiopatas: uma revisão integrativa”, de Amanda Gabrielle de Souza Coelho de Oliveira e Bruno Jardini Mäder, que tem como objetivo analisar as emoções e sentimentos que os procedimentos e intervenções do tratamento de cardiopatias causam nos pacientes, através de uma revisão integrativa. Por meio da análise realizada, pode-se perceber que pacientes portadores de alguma cardiopatia desenvolvem perante procedimentos/tratamentos, emoções e sentimentos de angústia, medo, ansiedade, depressão. A patologia e/ou procedimento pode interferir nas relações e na rotina do paciente, especialmente no pós-operatório, colocando em perspectiva as escolhas tomadas no processo de recuperação. Outra discussão observada ao longo das pesquisas analisadas é em relação a como o paciente se vê após um procedimento cirúrgico, em um novo corpo, modificado em suas potencialidades e suas limitações, exigindo uma ressignificação em relação ao uso de seus próprios corpos. Os autores apontam também que a forma como o paciente percebe sua doença influencia em sua qualidade de vida e enfatizam a partir dessas reflexões a necessidade de assistência psicológica para enfrentamento do processo saúde-doença-cuidado. O segundo aborda a experiência de profissionais da saúde no contexto hospitalar - “O impacto da morte em profissionais da saúde em contexto hospitalar” escrito por Stella Nasser, Gabriel Mendes, Karime Bressan, Kesiane Rodrigues e Ana Lucia Ivatiuk. O artigo se propõe a analisar o processo de assimilação da morte pelos profissionais de saúde no contexto hospitalar

através de uma revisão sistemática. O material analisado demonstra a dificuldade das equipes no manejo da morte e do processo de morrer, as constantes perdas de pacientes conduzem a desgastes físicos e mentais. Os profissionais entrevistados nessas pesquisas expressam em seus discursos sentimentos de tristeza, impotência, ansiedade, estresse, angústia e frustração. Os autores apontam, a partir da revisão realizada, a importância da preparação dos profissionais para o enfrentamento da morte em sua atuação profissional e a criação de espaços terapêuticos dentro de seu ambiente de trabalho para que possam compartilhar suas vivências.

Temos nesta edição um relato de experiência intitulado “O fazer psicológico no contexto do CAPSi: uma experiência de estágio na abordagem histórico-cultural” de Cláudia Alves Morais Santos, Paula Laena Paiva de Sousa e Gilson Gomes Coelho. Os autores observam a partir de uma experiência de estágio algumas dificuldades vivenciadas pela equipe em relação à falta de profissionais e à escassez de recursos materiais, somadas a uma alta demanda por atendimento. Ainda assim, o grupo pôde presenciar o empenho da equipe no acolhimento e no cuidado com os usuários e seus familiares. A intervenção realizada pelo grupo se deu através de oficinas com atividades que tinham como objetivo proporcionar momentos de prazer, de ampliação do diálogo e comunicação entre os participantes, possibilitando um ambiente em que se sentissem acolhidos e compreendidos.

Thais Cristina Guststein Nazar, Graciane Barboza da Silva e Aline Bonetti realizam um estudo quase-experimental com oito estudantes universitários da área da saúde, pertencentes aos cursos de Educação Física, Psicologia e Odontologia de uma universidade privada intitulado “Terapia de aceitação e compromisso e treinamento de habilidades sociais: um programa para estudantes universitários”. O instrumento de avaliação utilizado foi o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), que busca avaliar os efeitos de um Treinamento de Habilidades Sociais (THS), baseado na Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT). Os resultados indicam efeitos do THS na aquisição e desenvolvimento de comportamentos relacionados ao fator de Enfrentamento e Autoafirmação com Risco (F1), mantidos por cinco meses após a intervenção. Esses resultados demonstram um aumento da capacidade de lidar com situações interpessoais que demandam a defesa de direitos e autoestima, com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor, diante da possibilidade de rejeição, réplica ou oposição.

O artigo “Perda gestacional: aspectos emocionais da mulher e o suporte da família na elaboração do luto” de Beatriz Grupp da Rosa, discute, através de uma revisão sistemática de literatura, como a rede de apoio influencia as questões emocionais de mulheres que sofreram aborto espontâneo. As pesquisas analisadas apontam para um não reconhecimento em algumas famílias do abortamento espontâneo como uma forma de perda. A autora pontua através da análise do material a importância de a família

auxiliar a mulher a elaborar seu luto, inclusive na construção de um momento de rito para velar aquele corpo que não nasceu. A análise demonstra que os familiares também são afetados de alguma forma por esta perda e, portanto, torna-se relevante estimular o diálogo entre gerações, com o objetivo de acolher a todos em relação a suas vivências frente à situação em questão.

A presente edição se encerra com mais um artigo que irá discutir as relações familiares – “Práticas Educativas Parentais e Habilidades Sociais em Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa”, das autoras Ana Paula Jochem, Taline Pâmela Cofferi e Thaís Cristina Gutstein Nazar. Fruto de uma pesquisa empírica realizada com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade e suas famílias, a pesquisa analisou como eram percebidas pelos jovens as práticas educativas parentais e a autopercepção de seus pais ou responsáveis sobre as práticas educativas utilizadas. Os resultados apontados pelas autoras indicam que os estilos parentais maternos e paternos foram predominantemente percebidos, pelos responsáveis e adolescentes, como estilos parentais de risco. Ainda assim, os adolescentes, em sua maioria, identificaram recorrer aos pais quando necessitam de algum tipo de auxílio. Segundo as autoras, esses resultados demonstram a importância de ações de orientação às famílias quanto ao desenvolvimento de habilidades parentais que contemplem atitudes positivas. Em relação às habilidades sociais dos adolescentes, a maior parte da amostra demonstrou autopercepção de um repertório satisfatório, um resultado que contrapõe as expectativas construídas a partir da revisão bibliográfica realizada pelas autoras.

Ótimo proveito!

Mariana Cardoso Puchivailo

Editora